

## **PRISIONEIRO DE IDÉIAS PRETÉRITAS.**

**IVES GANDRA DA SILVA MARTINS,**  
Professor Emérito das Universidades Mackenzie, Paulista e Escola de Comando  
e Estado Maior do Exército, Presidente do Conselho de Estudos Jurídicos da  
Federação do Comércio do Estado de São Paulo - CEU.

Não tenho, pessoalmente, nenhuma antipatia ou resistência a Lula ou ao PT. Já debati, em conferências e televisão, com inúmeros de seus líderes (Mercadante, José Dirceu, José Genoíno, Eduardo Suplicy, Guido Mantega, Marta Suplicy, Ruy Falcão e outros), sendo advogado de Marta, como Prefeita, em ação popular, em que, a meu ver, é ré, sem que aja dado razões de fato ou de direito para ser acionada. Tenho respeito por todos, nada obstante hospedar concepção diversa sobre economia e política. Tenho a impressão, também, que mereço daqueles com que tratei no Partido a mesma consideração.

Esta introdução objetiva, todavia, expor minha análise, embora ainda perfunctória, do que representa, na candidatura Lula, a “síndrome do passado”. Ou seja, a imagem que cultivou por muitos anos de ser um homem firmemente contrário ao sistema financeiro internacional e ao mercado de capitais externo, sobre ter admiração às poucas ditaduras que restaram, como a de Fidel Castro e da China. E no campo interno, por ter defendido as invasões de terra pelo MST (tem procurado se desvencilhar deste tipo de violência à ordem jurídica ultimamente), a distribuição de renda --via aumento de tributação--, além do aumento dos quadros e vencimentos dos

funcionários públicos nada obstante o peso cada vez maior da máquina administrativa sobre o cidadão.

Em outras palavras, no seu “slogan” de combater o fantasma de um “indefinido neoliberalismo” (ninguém sabe exatamente o que seja à luz do crescente protecionismo americano e europeu), alberga teses em que o lucro não é bem visto, deve ser distribuído e todos os estrangeiros, se quiserem vir para o Brasil, devem trabalhar a bem da pátria brasileira e não dos eventuais benefícios que possam retirar de seus investimentos, móvel maior de sua escolha para aplicação de recursos.

Tendo dito que os investidores são especuladores, que o FMI é uma espécie de “Leviatan” das finanças mundiais, que o empresário é sonegador, que o presidente argentino que substituiu de La Rúa por 3 dias tinha o seu apoio por ter rompido com o FMI, que Fidel Castro é um modelo de governo bem sucedido, que Chaves é o maior líder da América Latina e que Jospin mereceria a admiração de todo o mundo, sobre sugerir que os que ganham mais fossem tributados em 50% na renda, nada obstante com o que lhe sobrasse ter, ainda, que pagar IPVA, IPTU, COFINS, PIS, ISS, IPI, ICMS, CONTRIBUIÇÕES SOCIAIS VÁRIAS, CONTRIBUIÇÕES DE INTERVENÇÃO NO DOMÍNIO ECONÔMICO e mais uma centena de outros tributos diretos ou embutidos nos preços e serviços que adquirem ou recebem, à evidência terminou por criar um receio no mercado externo e também internamente, que seu governo poderá assemelhar-se à crítica de Peter Drucker, em “O Estado Fiscal”, de que tudo o que as pessoas possuem pertence ao Estado, menos aquilo que o Estado delas não quiser retirar. Em termos diversos, o

fruto do trabalho e o patrimônio de cada um será o resto do que for desprezado, esquecido ou ainda não tomado pelo Estado.

Ora, nada mais natural –nada obstante o bom nível de seus assessores e líderes de partido— que aquele que tenha recursos, principalmente no exterior, esteja preocupado em relação a um governo petista e pretenda não investir, por enquanto, e retirar o que tenha no país –nos investimentos a curto prazo— até que fiquem mais claros os horizontes.

É de se lembrar que, nada obstante o bom trabalho do presidente do Banco Central e do Ministro da Fazenda e o suporte arrecadatário ofertado pelo Secretário da Receita Federal --todos os três bem conceituados no exterior-- a radiografia do quadro brasileiro não é brilhante. Déficit nas contas externas de 22 bilhões de dólares (2001); incapacidade de alavancar as exportações por uma política impositiva que leva, o país, a exportar tributos, pelo amadorismo na defesa de nossos interesses no plano externo, pela carga tributária de 34,5% dificultando o desenvolvimento das empresas: pelo protecionismo às avessas no comércio interno, onde qualquer produto importado paga menos PIS, menos COFINS, menos CPMF de que o idêntico produto fabricado no Brasil, máquinas administrativas esclerosadas, déficit previdenciário com os servidores públicos (10% da população) que é 4 vezes e meio superior àquele provocado pelos trabalhadores do setor privado (90% da população) e pela destinação –que ainda é pior— de toda a receita tributária nacional em mais de 50% exclusivamente para pagamento da mão-de-obra oficial (50% União, 60% Estados e Municípios).

Esta é a realidade nacional. Pergunto, agora, se algum dos leitores deste artigo teria a coragem de investir neste momento suas economias na Argentina? Mais do que isto, se algum Conselheiro, sem por em risco seu prestígio profissional, poderia aconselhar investidores brasileiros a investir na Argentina, garantindo-lhes segurança e rentabilidade?

Ora, o que fazem os consultores externos para seus investidores é exatamente dizer o que diriam a investidores brasileiros se estes quisessem investir na Argentina. Cuidado.

Diriam apenas, o candidato que está na frente nas pesquisas já disse o que disse e não diferenciou entre “investidores” e “especuladores” e de que maneira faria uma distribuição de rendas. Logicamente, o que dizem tais consultores? O discurso deste cidadão não lhe oferece nenhuma garantia de que o seu investimento lá estará assegurado. Se quiser investir, invista, mas o risco é seu. Não diga que nós, os consultores, os aconselhamos a investir.

Desta forma, não obstante a reação natural desde o presidente da República até o próprio Lula, contra as avaliações das agências de “rating”, compreende-se que um profissional estrangeiro da área não queira se comprometer, assegurando que os investimentos de seus clientes sejam rentáveis e sem riscos no Brasil, numa eventual administração Lula.

Em outras palavras, o discurso pretérito do candidato é hoje o maior obstáculo a que um profissional da área, no exterior, garanta

que os investimentos estarão seguros no futuro, deixando, portanto, que a decisão seja do cliente e não mais dele.

Enfim, depois do colapso argentino, a imagem de todos os países emergentes foi atingida, o receio de uma contaminação daquela crise permanece e por ser a Economia uma ciência “psico-social”, a frases não pensadas, muitas vezes, provocam estragos e conturbam o futuro muito mais do que os próprios fatos.

Reagir a este quadro com racionalidade e não com emoção e trabalhar para que uma nova imagem seja reconstruída, à luz dos aspectos positivos e negativos da economia globalizada do momento, é tarefa que exige visão de estadista, figura escassa no cenário nacional.

Enquanto dependermos de recursos externos, não vale a pena desestimular sua inversão, mas, inteligentemente negociar sua captação.

Ou o Brasil não precisa de recursos externos e qualquer discurso é tolerável, ou deles precisa, não se devendo afastá-los por amadorismo ou preconceito.

São Paulo, 07 de maio de 2002.

IGSM/mos

a2002-43 PRISIONEIRO DE IDEIAS PRET